

# Revista Brasileira de História da Ciência: 40 anos de contribuição à pesquisa em História da Ciência e da Tecnologia

## *Revista Brasileira de História da Ciência: 40 years of contribution to research in the History of Science and Technology*

Breno Arsioli Moura | Universidade Federal do ABC

[breno.moura@ufabc.edu.br](mailto:breno.moura@ufabc.edu.br)

<https://orcid.org/0000-0003-2130-7055>

Indianara Lima Silva | Universidade Estadual de Feira de Santana

[indianara.slima@gmail.com](mailto:indianara.slima@gmail.com)

<https://orcid.org/0000-0002-2124-6435>

Rômulo de Paula Andrade | Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz

[romulopa@gmail.com](mailto:romulopa@gmail.com)

<https://orcid.org/0000-0002-4384-5105>

**RESUMO** Neste artigo, apresentamos um panorama histórico da criação e do desenvolvimento da Revista Brasileira de História da Ciência (RBHC), periódico da Sociedade Brasileira de História da Ciência (SBHC) que completa 40 anos de existência em 2025. São apontados, ainda, desafios futuros da revista para os próximos anos.

**Palavras-chave** RBHC, história da ciência, revista, SBHC.

**ABSTRACT** *In this paper, we present a historical overview of the foundation and development of Revista Brasileira de História da Ciência, RBHC (Brazilian Journal of History of Science), published by Sociedade Brasileira de História da Ciência, SBHC (Brazilian Society of History of Science), marking its 40<sup>th</sup> anniversary in 2025. We also discuss the challenges for the next years.*

**Keywords** *RBHC, history of science, journal, SBHC.*

## Introdução

Em 1985, surgia no Brasil um periódico então inovador e original: a Revista da Sociedade Brasileira de História da Ciência (RSBHC), anos depois renomeada de Revista Brasileira de História da Ciência (RBHC). Como uma quase natural consequência da criação da sociedade que lhe daria seu primeiro nome, a RSBHC buscava ser um veículo para a publicação de resultados de pesquisas em um campo em estruturação no Brasil. A apresentação do primeiro número foi assinada por José Reis (1907-2002) e nela já indicava a relevância do periódico para estimular o “estudo da História da Ciência e sua implantação em todos os cursos de formação científica” (Reis, 1985, p. 3).

Depois de 40 anos, a RBHC assistiu a muitas mudanças, não apenas no campo da História da Ciência, como também na própria Sociedade Brasileira de História da Ciência (SBHC), no mundo editorial, nos intercâmbios científicos e, para não esquecermos um fator importante, no cenário econômico, político e social brasileiro. Trata-se do periódico de história da ciência mais longo do país, mesmo considerando as três interrupções (1985-1989, 1989-1991 e 1998-2003). Hoje ainda se apresenta como veículo fundamental para a divulgação de pesquisas historiográficas nas mais diversas áreas e perspectivas, assimilando as várias transformações pelas quais o mundo passou depois de quatro décadas.

É para contar alguns pontos dessa frutífera história da RBHC que apresentamos este artigo. Com base em uma análise documental de seus mais de sessenta números (considerando a RSBHC e a RBHC), na colaboração de quatro ex-editores (Olival Freire Junior, Antonio Augusto Passos Videira, Silvia Figueirôa e Thomás Haddad),<sup>1</sup> e em nossa própria experiência como editores entre 2020 e 2024, buscamos trazer um panorama do que a RBHC representa para a pesquisa em História da Ciência praticada no Brasil, das mudanças que enfrentou e dos desafios futuros.<sup>2</sup> Esperamos que este texto seja uma fonte orientadora e inspiradora para os atuais e futuros leitores da RBHC sobre como ela acompanhou o desenvolvimento de nosso campo de pesquisa no Brasil.

## Os primeiros anos

Os números iniciais da RSBHC refletem aquilo que era a área de História da Ciência no Brasil dos idos finais dos anos 80: com adeptos aglutinados em alguns grupos de pesquisa sediados em universidades de grandes centros – como a Universidade de São Paulo (USP), a

---

1 Os quatro responderam, por e-mail, a questões previamente elaboradas por nós acerca dos primeiros anos da RBHC, de suas passagens como editores e das perspectivas futuras para a revista. Alguns dos outros ex-editores e ex-editoras foram contatados, mas não responderam. Para outros, não conseguimos encontrar dados de contato.

2 Vale ressaltar que a história da RBHC se entrelaça com a história da SBHC, a qual ainda está para ser escrita ou contada pelas próprias palavras de muitos de seus fundadores. Dessa forma, em partes deste artigo, não conseguimos explorar mais profundamente detalhes que explicariam os caminhos tomados pela SBHC na condução da RBHC, por exemplo: a escolha dos editores, os motivos das interrupções na publicação, as dificuldades na gestão financeira da revista, as preferências editoriais – se houveram –, entre outros pontos. Fica, então, essa lacuna que pode ser preenchida por aqueles que se sentirem à vontade para contar as suas próprias histórias envolvendo a RBHC.

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), apenas para citar alguns exemplos (Martins, 2024, p. 4) –, pouca estruturação e algumas iniciativas que iam, paulatinamente, contribuindo para sua consolidação, como a própria criação da revista. “A maioria dos membros fundadores e dos membros em geral eram historiadores da ciência e da tecnologia ‘amadores’, vindos de seus respectivos campos de ciência”, conta Silvia Figueirôa em entrevista aos autores. Antônio Videira lembra que “algumas instituições, como o Mast e a COC/Fiocruz, foram criadas na mesma altura. Cursos de pós-graduação estavam se organizando. Pesquisadores estavam se formando. É sempre bom observar que a comunidade era muito pequena naquela época”.

Explica-se, desse modo, porque a publicação da RSBHC nesses primeiros anos foi significativamente descontínua. Vale pontuar, igualmente, que não existiam ainda versões digitais da revista, de modo que toda sua produção envolvia processos e custos de diagramação, impressão e envio dos exemplares pelos Correios. Após o primeiro número, assinado por José Reis, então “Diretor” do periódico,<sup>3</sup> o segundo foi publicado no mesmo ano de 1985, com editorial assinado pelo então presidente da SBHC, Simão Mathias (1908-1991). Mathias reflete, em seu texto, a percepção de que a área estava ainda para se consolidar no Brasil e na América Latina apontando a relevância da SBHC:

A introdução deste campo de estudos em nossas universidades, bem como na maioria dos países latino-americanos, é relativamente recente. Entretanto, cresce dia a dia o número de pessoas interessadas nesses estudos [...]. A Sociedade Brasileira de História da Ciência, fundada em 16 de dezembro de 1983, reflete este desenvolvimento entre nós (Mathias, 1985, p. III).

O nascimento da RSBHC esteve, portanto, intimamente ligado ao surgimento da SBHC. Segundo Figueirôa, “todos, sobretudo a então diretoria, entendiam que a ‘alma’ de uma associação científica é sua revista”. Porém, apesar do entusiasmo inicial, o terceiro e quarto números foram publicados apenas quatro anos depois, em 1989. Os números reuniram os anais do 2º Seminário Latino-Americano sobre Alternativas para o Ensino da História da Ciência e da Tecnologia, realizado em São Paulo (SP) por iniciativa da *Sociedad Latinoamericana de Historia de las Ciencias y Tecnologia*, presidida à época por Juan José Saldaña (1944-2022).<sup>4</sup> Saldaña editava a *Quiipu*, revista latino-americana de História da Ciência surgida em 1984 e impressa até 2000, depois disponível online de 2011 até meados de 2014, quando parou de ser publicada (Silva, 2014; Ramos-Lara, 2024, p. 66). Embora atualmente quase desconhecidos e pouco referenciados como marcos históricos para a área no Brasil, esses dois números da RSBHC reúnem elementos relevantes para se compreender o cenário das pesquisas no campo no final dos anos 80, com textos de Motoyama, Milton Vargas (1914-2011), América Imperio Hamburger (1932-2011) e Ernest W. Hamburger (1933-2018).<sup>5</sup>

3 Na editoria, ainda contava com Shozo Motoyama (1940-2021) como “Diretor Associado”.

4 Como informa Saldaña na fala de abertura, a primeira edição do seminário foi realizada em Cali, Colômbia, em 1984 (Saldaña, 1989, p. 3).

5 Os dois números estão disponíveis, em sua forma integral, no site da RBHC: <https://rbhciencia.emnuvens.com.br/rsbhc/issue/view/11> e <https://rbhciencia.emnuvens.com.br/rsbhc/issue/view/12>, acesso em agosto de 2024.

Revista da SB Sociedade Brasileira HC de História da Ciência	
Nº 3	1989
<b>NÚMERO ESPECIAL:</b> "II SEMINÁRIO LATINO-AMERICANO SOBRE ALTERNATIVAS DE ENSINO DA HISTÓRIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA"	
ANAIIS – 1º VOLUME	
<b>I) APRESENTAÇÃO</b>	Pág. 1
<b>II) ABERTURA</b>	
Sírio Mathias – Homenagem a José Reis	Pág. 3
Juan José Saldaña – "En busca de un futuro para el futuro"	3
José Goldenberg – Saudações de Boas-Vindas	8
<b>III) CONFERÊNCIAS COM DEBATES – TEMA I</b>	
Luis Carlos Arboleda – "Historia Social y Formación de una Cultura Científica"	Pág. 11
Shozo Motoyama – Debate	17
Roberto C. Martins – Debate	19
Luis Carlos Arboleda, Angel Zapata, Celina Lertora, Nestor Goulart Reis Filho – Discussão	20
<b>IV) PAINEL – TEMA I: ALTERNATIVAS DE ENSINO DA HISTÓRIA DA CIÊNCIA</b>	
Hebe Vessuri – "Los Estudios Sociales de la Ciencia en América Latina"	Pág. 27
José Maria Filardo Bassalo – "Alternativas de Ensino da Física nas Universidades Latino-Americanas"	
Amélia Império Hamburger – "A Evolução dos Conceitos da Física como Alternativa de Ensino da História da Ciência"	32
Angel-Ruiz Zuñiga – "Algunas Consideraciones sobre la Ciencia, su Enseñanza y su Historia"	38
J. M. Filardo Bassalo, Amélia Império Hamburger, Isidoro Alves, Hebe Vessuri, Angel-Ruiz Zuñiga, Emilio Quevedo – Discussão	40
<b>V) TEMA I – PALESTRA</b>	
Vilém Flusser – "Zona Cinzenta entre Ciências, Técnica e Arte"	Pág. 45
<b>VI) TEMA I – SESSÃO DE COMUNICAÇÕES – ALTERNATIVAS DE ENSINO DA HISTÓRIA DA CIÊNCIA</b>	
Vilém Flusser – Discussão sobre Comunicação em Ciências	Pág. 51
Milton Vargas – Comentários	52
Zélia Ranzazoni, Milton Vargas, Vilém Flusser – Discussão	53
Patrícia E. Aceves Pastrana – "Reflexiones sobre el Sistema de Lavoisier"	57
Juan José Saldaña, Patrícia E. Aceves Pastrana – "El Advenimiento de la Química de Lavoisier a México"	57
Hebe Vessuri – "Pesquisa sobre Historia de la Ciencia en Venezuela"	61

Figura 1 – Capa do número 3 da RSBHC, publicado em 1989.

Fonte: <https://rbhciencia.emnuvens.com.br/rsbhc/article/view/711/565>, acesso em 27/08/2024.

Após mais um hiato de dois anos, surgem os números 5 e 6 da RSBHC, publicados em 1991, já com novos editores – Elena Moraes Garcia e Paulo Cesar C. Abrantes – e um Conselho Científico. As dificuldades na manutenção da revista são patentes, como salientam os editores: "Toda descontinuidade na publicação de um periódico causa enorme prejuízo, afetando o fluxo normal de trabalhos submetidos aos editores, bem como a credibilidade do veículo" (Garcia e Abrantes, p. 1). Escrevem, além disso, o esforço para convidar autores a redigirem textos ao número, bem como um primeiro auxílio do Conselho Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), que os editores viam como fundamental para a manutenção da periodicidade da RSBHC.<sup>6</sup> Destaca-se, em ambos os números, a presença de artigos que varrem diversos espectros da escrita historiográfica, abordando temas como as academias científicas, a história da ciência nacional, história da física, história do conhecimento e da cultura árabe, e interação entre ciência e religião, além de uma tradução de texto de Alan G. Debus (1926-2009) sobre a relação da história com a história da ciência.

A revista começava, assim sendo, a ganhar certa projeção entre os historiadores da ciência brasileiros, tanto no papel de autores quanto de leitores. Figueirôa relata que seu primeiro contato com a RSBHC foi logo no primeiro número, enfatizando o papel do artigo de Cardoso, Novais e D'Ambrosio (1985) sobre a ciência no Brasil colônia: "Esse texto foi um dos que me marcaram, pois não se falava muito de ciência na Colônia nessa época (era considerado quase

6 Nota-se, contudo, que o apoio do CNPq não foi contínuo, ficando a revista por muitos anos – incluindo os mais recentes – sendo custeada apenas com recursos da SBHC.

uma ‘contradição em termos’”. Videira não se recorda exatamente do primeiro contato com a revista, “mas, uma vez que soube da existência dela, eu procurei acompanhar o que nela era publicado. Sempre fui um usuário atento ao que saía/sai na revista”. Thomás Haddad também não se recorda de um momento específico, mas descreve que começou a ler a RSBHC em suas longas passagens pelas bibliotecas da USP, enquanto estudante de graduação em física em meados dos anos 1990, especialmente a da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH): “Foi sem dúvida nesta última que eu folhee pela primeira vez os exemplares impressos da RBHC, que àquela altura tinha publicado umas 15 edições”.

Com efeito, a RSBHC passou por um longo período de estabilidade durante a década de 1990, não experimentando mais nenhuma interrupção em sua publicação. Segundo Freire Junior, a revista foi, “por algum tempo, ‘o’ veículo para os historiadores da ciência publicarem seus trabalhos”. Durante boa parte dessa década, a editoria ficou a cargo de Elena Moraes Garcia, juntamente com Paulo Cesar Abrantes (1991), Alfredo Tolmasquim (1992) e Isidoro Maria Alves (1993 em diante), este último assumindo o posto principal em 1997. Destaca-se, ainda, o contínuo apoio que a revista recebeu do CNPq, interrompido ao final do decênio. A virada do milênio foi certamente o momento mais conturbado da RBHC. Os editores do número 19, de 1998, Roberto de Andrade Martins e Maria Rachel Fróes da Fonseca relatam em editorial as dificuldades pelas quais a revista passava, especialmente em relação à periodicidade das publicações:

Embora esteja próxima de completar a publicação do seu fascículo nº 20, a *Revista da Sociedade Brasileira de História da Ciência* tem passado por vários problemas. Durante os últimos anos, não houve recursos para manter sua publicação regular, e por este motivo o fascículo anterior publicado foi o de número 18, com data nominal de julho-dezembro de 1997 mas lançado em 1999 (Martins e Fonseca, 1998, p. 1).

O ponto levantado por Martins e Fonseca nos sugere que os números da RSBHC da segunda metade da década de 1990 podem não ter sido publicados com a regularidade indicada, embora os dados catalográficos nas próprias revistas não mostrem qualquer disparidade. O número 19, por exemplo, foi publicado em 2001. Nesse período, a RBHC começou a contar mais fortemente com o apoio do Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST), para onde o site da SBHC foi migrado e permaneceu por vários anos. Foi neste momento que a RBHC ganhou as primeiras tentativas de disponibilizar seus conteúdos, inicialmente no site do grupo de pesquisa liderado por Martins e, em seguida, incluídos na página da SBHC.

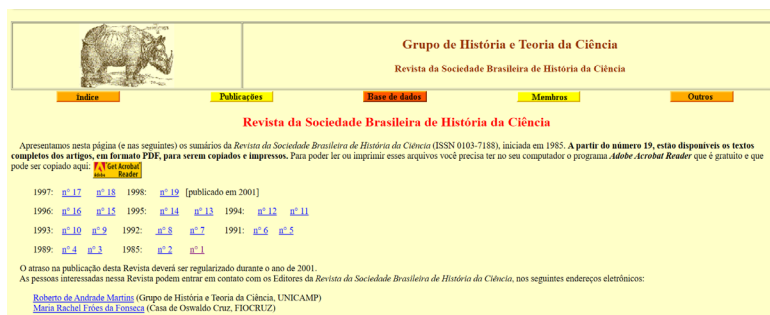


Figura 2 – Captura de tela da possível primeira página online da RSBHC, inserida no site do GHTC, grupo liderado à época por Roberto Martins. A partir deste site, obtivemos a informação sobre o ano de publicação do n. 19. Fonte: <https://web.archive.org/web/20021220022807/http://www.ifi.unicamp.br/~ghtc/sbhc.htm>, acesso em 27/08/2024.

O vigésimo número da RSBHC, contudo, nunca foi lançado. Em 2003, a revista voltou a ser publicada, dessa vez com a contagem reiniciada. O editorial é assinado por Fonseca e Ana Maria Ribeiro de Andrade.<sup>7</sup> As editoras afirmaram, entre outros pontos, que buscavam “recuperar a periodicidade semestral da revista” (Fonseca e Andrade, 2003, p. 1) e mencionaram o apoio dado pelo MAST. Nos números seguintes, a editoria seria ocupada somente por Andrade.

Após a gestão de Andrade, Antonio Videira e Olival Freire Junior assumiram a editoria da revista, na qual permaneceram, em dupla, até 2008. Freire Junior comenta sobre esse momento: “Além do esforço para organizar encontros mais representativos, tínhamos a expectativa de avançar na consolidação da revista. Foi neste contexto que assumi a condição de editor, em conjunto com Antonio Augusto Passos Videira”. Videira lembra que achava “que o trabalho era muito para uma pessoa só. Era preciso tornar patente que a edição de um periódico não é algo que possa ser feito por uma única pessoa”. Nesse período, a revista já contava com todo seu acervo disponível online.



Figura 3 – O site da RSBHC no final de 2006. Nesta época, os leitores já conseguiam acessar todos os números digitalizados da revista. Fonte: [https://web.archive.org/web/20061202022422/http://www.mast.br/sbhc/rsbhc/abertura\\_sbhc.htm](https://web.archive.org/web/20061202022422/http://www.mast.br/sbhc/rsbhc/abertura_sbhc.htm), acesso em 27/08/2024.

Ao final da gestão de Videira e Freire Junior, a RSBHC deixaria de existir, para então se tornar a RBHC.

## Transformação

Em 2008, quando a SBHC comemorou 25 anos de existência, a RSBHC se tornou a Revista Brasileira de História da Ciência (RBHC), sob a editoria de Videira e Heloisa Gesteira. No editorial escrito pelos dois, nota-se que o cenário já era significativamente diferente daquele do começo da revista, em 1985:

7 Roberto de Andrade Martins é listado como editor na contracapa do número, mas não assina o editorial.

A mudança no nome da revista justifica-se igualmente pelo fato de que entendemos que os seus esforços devem se voltar para a disseminação da produção acadêmica qualificada, independentemente da sua origem. Os programas de pós-graduação, a frequência das reuniões da SBHC, a realização de encontros isolados e a publicação de livros específicos sobre temas da história da ciência mostram que a área já está consolidada em institutos e universidades brasileiros (Videira e Gesteira, 2008, p. 4).

Dessa maneira, a RBHC foi resultado de uma iniciativa para ampliar o escopo da revista, não sendo ela meramente uma publicação de uma sociedade científica, embora ligada a ela, especialmente do ponto de vista financeiro. A partir dessa mudança, a RBHC nunca mais parou de ser publicada, mesmo vivenciando, em alguns períodos, dificuldades na manutenção de sua periodicidade. Em 2009, novamente houve alteração na editoria, com a saída de Videira e a entrada de Nara Azevedo e Silvia Figueirôa. A última recorda que a proposta da gestão “foi ampliar a quantidade de artigos, manter em dia e procurar indexar no Scielo. Não conseguimos essa última ação, pois precisávamos de mais artigos e/ou mais periodicidade”. Lembra também de um breve apoio do CNPq, descontinuado nos anos seguintes.

Ainda nessa época, a RBHC era impressa, embora ao menos desde 2010, seus exemplares digitais já estavam disponíveis no site da SBHC.<sup>8</sup> Haddad comenta que o gerenciamento da revista em 2012 – quando começou a colaborar com Gesteira e Figueirôa, então editoras – ainda era feito exclusivamente por e-mail e com o apoio de “tabelas e planilhas”. Recorda, particularmente, de um episódio curioso sobre a impressão da revista: “lembro-me que em uma ocasião a Silvia [Figueirôa] conseguiu que a Unicamp fizesse a impressão, e eu fui até Campinas com meu carro para trazer centenas de exemplares para a USP, onde os empacotamos, etiquetamos e enviamos pelo correio, um a um, para os associados”. Em 2014, ele mesmo tornou-se editor, junto com Gesteira, cargo que ocupou até 2020.

Em todos esses anos de existência, nem a RSBHC nem a RBHC tiveram uma equipe editorial exclusivamente dedicada à revista. O cargo de editor sempre foi ocupado por pesquisadores vinculados a instituições de pesquisa ou de ensino superior, ou seja, pessoas que, paralelamente ao trabalho à frente do periódico – voluntário, cabe ressaltar aos leitores que talvez não saibam – tinham que se empenhar em outras funções inerentes às suas posições, especialmente de ensino e de pesquisa. Isso, sem dúvida, sempre impactou as atividades da RBHC e também sua periodicidade, ponto muito valorizado quando se avalia um periódico.

Na gestão de Haddad e Gesteira, a RBHC incorporou e destacou uma tendência que há anos vinha se consolidando na área acadêmica: a importância da inserção de conteúdos da história da ciência em contextos de sala de aula. Desde sua criação, a RSBHC e a RBHC ocasionalmente publicavam textos que articulavam os campos da história da ciência e do ensino de ciências.<sup>9</sup> Entretanto, a iniciativa mais considerável surgiu apenas em 2014, quando Thais Forato, Andreia Guerra e Marco Braga organizaram o dossiê “Historiadores das Ciências e Educadores: frutíferas parcerias para um ensino de ciências crítico e reflexivo”. O dossiê foi fruto, em grande parte, de movimentos já existentes que incluíam em congressos da área – como o próprio Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia, organizado pela SBHC – sessões específicas

8 Por meio da ferramenta “Wayback Machine” do Internet Archive, é possível verificar que o site da SBHC (<http://www.sbh.org.br>) possui dados capturados desde 2010, incluindo uma seção sobre a RBHC.

9 Um dos mais antigos é o artigo de Queiroz e Teixeira (1992) sobre como a história da ciência poderia contribuir para mudanças nas percepções dos alunos sobre os conceitos de *vis viva* e *momentum*.

sobre história da ciência e ensino, e da sugestão de Olival Freire Junior aos organizadores durante outro evento da área, ocorrido em Mendoza (Argentina), em 2012.<sup>10</sup> Forato, Guerra e Braga comentam: “Aceito o desafio, apresentamos esse projeto aos editores, pretendendo contribuir para a consolidação da cooperação entre historiadores da ciência e educadores no âmbito da Sociedade Brasileira de História da Ciência” (Forato et al., 2014, p. 140). Foram publicados quinze artigos pelo dossiê, sendo essa a maior edição da RBHC até aquela época, com um total de vinte produções.

Com o crescente interesse por parte de autores e leitores em artigos sobre a interface entre história da ciência e ensino, foi criada, em 2017, a seção “História das Ciências e Educação”, editada naquele momento por Ermelinda Pataca e Márcia Alvim. A nova seção, segundo as editoras, pretendia “criar um canal de difusão das pesquisas que aproximem as temáticas centrais da revista aos fundamentos da educação e ao ensino” (Pataca e Alvim, 2017, p. 222). A partir de 2018, diversos artigos foram publicados na seção, muito procurada pelos autores até os dias atuais.

## Modernização

Passamos nesta seção para um relato mais autoral, uma vez que fizemos parte dessa nova fase da RBHC.

Ingressamos como editores da revista no final de 2020. O que vimos naquele momento foi um periódico fundamental para a pesquisa em História da Ciência e da Tecnologia produzida no Brasil, mas que vivenciava certa estagnação, seja pela baixa quantidade de submissões, seja pela irregularidade na publicação dos números, seja pelos procedimentos editoriais, já muito rudimentares para um periódico no século 21. O processo de submissão e análise dos artigos envolvia o envio do texto ao endereço eletrônico da revista, em que o editor também recebia inúmeras outras comunicações. Com a mistura de assuntos, era inevitável a perda de informações e o atraso.

Por isso, a primeira de nossas iniciativas foi buscar a modernização do processo de submissão da RBHC. Por alguns meses, ainda gerenciamos os textos no método “antigo”, ou seja, compartilhávamos uma planilha com os dados das submissões recebidas – título, autor, parecerista 1, parecerista 2, resultado, *status* –, o que se revelou uma tarefa hercúlea. A migração da RBHC para a plataforma OJS foi gradual, e optamos por não liberar o novo site sem que uma boa parte do arquivo da revista estivesse nele. Em agosto de 2021, publicamos o número 1 do volume 14, já na nova plataforma.

---

10 Tratou-se da 2ª Conferência Latinoamericana do International, History, Philosophy and Science Teaching Group (IHPST).



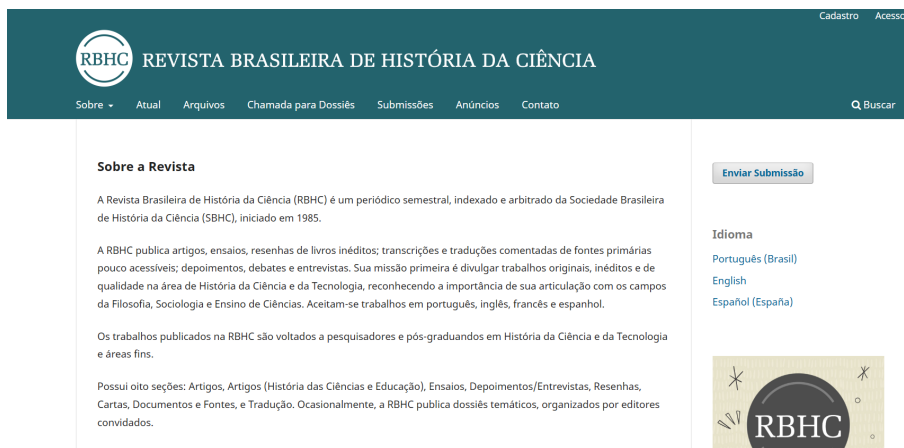


Figura 4 – Site atual da RBHC. Fonte: <https://rbhciencia.emnuvens.com.br/revista/index>, acesso em 27/08/2024.

Além da migração para a plataforma OJS, também trabalhamos na inserção do DOI em todos os artigos da RBHC, ou seja, aqueles publicados após a mudança do nome em 2008. Paralelamente, começamos a inscrever a revista em outros indexadores e bases, pois, até aquele momento, a RBHC estava presente apenas no Latindex, com o ISSN de sua versão impressa. Logo, conseguimos a indexação no ERIHPLUS, e a inclusão do periódico em bases como o DOAJ e Diadorim.

Um obstáculo que demoramos consideravelmente a superar foi a invisibilidade que o periódico tinha para o Google Acadêmico, outro indexador importante. A RBHC não aparecia nessas métricas porque o Google não conseguia rastrear os artigos, por dois motivos. O primeiro se referia ao local onde os artigos eram publicados, o antigo site da SBHC. Por algum problema no mecanismo de hospedagem, eles eram praticamente invisíveis aos mecanismos de buscas. Os que conseguiam ser rastreados eram apenas aqueles depositados em outras bases, como o ResearchGate ou o Academia, muitas vezes pelos próprios autores. O segundo motivo envolveu o número dos artigos visíveis: para aparecer nas métricas, a RBHC deveria ter, no mínimo, 100 artigos rastreados; até 2021, eram visíveis 98 publicações. Com a migração para a OJS, finalmente mais artigos puderam ser localizados pelos mecanismos do Google Acadêmico, e desde 2023 a revista já conta com métricas desse indexador.

As mudanças ocasionaram um crescimento vertiginoso no número de submissões para a RBHC, e conseqüentemente no trabalho dos editores. Quando assumimos a editoria no final de 2020, havia cerca de 32 submissões registradas para aquele ano. Em 2021, foram 87. Em 2022 e 2023, tivemos, em média, 110 submissões, ou seja, mais que triplicamos o número. Tratou-se de um impacto direto do aumento da visibilidade da RBHC, impulsionado igualmente pela entrada da revista nas redes sociais, primeiro no Twitter (já em 2021) e depois no Instagram (em 2023). Como resultado, publicamos nos últimos dois anos as maiores edições que a revista já produziu, em termos que artigos por número. A última edição sob nossa editoria (volume 17, número 1, 2024) foi a maior, com 29 artigos.

O ingresso da SBHC na Associação Brasileira de Editores Científicos (ABEC), a partir de 2021, possibilitou, além da atribuição dos DOI aos artigos, o uso de ferramenta antiplágio, tornando mais rigoroso o processo de submissão de trabalhos à RBHC. Em quatro anos de trabalho, conseguimos evitar que alguns artigos seguissem para avaliação ou, em um caso particular,

que fosse publicado. Certamente, a iniciativa minimizou essa prática. Em outra frente, contratamos uma revisora, isentando os editores de fazer essa tarefa e tornando os textos publicados mais aprimorados e atraentes para o leitor. Ainda alteramos o projeto gráfico da revista, que se mantinha, com poucas variações, desde a mudança do nome em 2008. Com a publicação exclusivamente online, não era mais necessário pensar nos custos de impressão, e pudemos tornar o texto mais adequado à leitura em dispositivos eletrônicos. Outra mudança significativa foi no Conselho Científico Consultivo da RBHC, que há anos não era atualizado. Fizemos, inicialmente, uma consulta àqueles que compunham o Conselho se gostariam de permanecer ou não. A maioria nos respondeu positivamente. Em seguida, convidamos outras figuras representativas do campo, as quais prontamente aceitaram.

No decorrer dos quatro anos que permanecemos na editoria da RBHC, retomamos uma prática ainda inconstante na revista: a publicação de dossiês temáticos. Do primeiro número de 2022 ao primeiro número de 2024, a RBHC lançou cinco deles.<sup>11</sup> Essa iniciativa seguramente contribuiu para atrair mais autores e leitores à revista, além de se consolidar como um espaço fértil para discussões de temas atuais da historiografia da ciência. Paralelamente, voltamos a publicar com mais frequência resenhas de publicações recentes. Todos os números dos últimos dois anos da revista possuem, pelo menos, uma resenha.

As duas últimas significativas conquistas desse processo de modernização que buscamos implementar na RBHC nos últimos quatro anos materializaram-se no final de 2023 e de 2024. Uma delas foi o aceite da Scopus, importante indexador internacional; a outra, a aprovação do pedido de recursos via programa editorial do CNPq, algo que não ocorria há anos.<sup>12</sup> Não há dúvidas de que esses feitos foram consequência das várias mudanças destacadas nos parágrafos anteriores, o que conferiu ao periódico maior visibilidade, interesse, e rigor no processo editorial. Hoje, portanto, a RBHC é um veículo reconhecido nacional e internacionalmente, embora ainda haja muito a realizar.

## A importância e o futuro da RBHC

Encerrada essa etapa da RBHC, cabe refletir sobre sua importância atual e seu papel no futuro da pesquisa em história da ciência e da tecnologia no Brasil. Nesse sentido, todos os ex-editores que entrevistamos são unânimes em destacar o papel da RBHC para os pesquisadores brasileiros. Haddad resume bem as posições dadas por eles: “Ela é praticamente a única, e sem dúvida a mais visível, revista brasileira em que não apenas todos os trabalhos de qualquer edição são de história da ciência, mas podem incluir desde uma análise rigorosa de um tratado de mecânica ou alquimia do século XVI até uma investigação sobre a política científica

11 São eles: “As Ciências e as Independências do Brasil” (número 1, volume 15), organizado por Ermelinda Pataca e Lorelay Kury; “A História das Ciências para uma Educação Científica do Futuro” (número 2, volume 15), organizado por Nathan Lima, Cristiano Moura, Mario Quintanilla e Agustín Adúriz-Bravo; “Instituições, ciências e poder nos estudos sobre a natureza” (número 1, volume 16), organizado por Bruno Capilé, Nathalia Capellini, Gabriel Oliveira e Daniel Dutra; “Ciência, Desenvolvimento, Democracia e Liberdade” (número 2, volume 16), organizado por Sílvia Figueirôa, Olival Freire Junior e Antonio Videira; “Histórias Líquidas: Água, Ciência e Conhecimento” (número 1, volume 17), organizado por Ingrid Casazza, Melina Tobías e André Vasques Vital.

12 A RBHC foi contemplada com R\$ 26.800,00, segundo resultado final divulgado no final de 2024: <http://resultado.cnpq.br/3717007444668807>, acesso em dezembro de 2024.

da Nova República, passando por questões de educação, história institucional, representações culturais da ciência..”.

Nesses últimos quatro anos, percebemos que o comentário de Haddad efetivamente se concretiza na prática. A RBHC tem se tornado uma revista diversa em muitos sentidos: geograficamente, na diversidade de seus autores, na titulação, e, sem dúvida, nas temáticas dos textos. Atualmente, a revista abraça bons trabalhos em vários assuntos ligados à história da ciência e da tecnologia, aos seus usos em sala de aula, destacando-se também a tradução de fontes primárias e secundárias de relevância, as resenhas, as cartas com matérias de interesse à comunidade.

Os desafios, contudo, continuam a se contrapor ao crescente movimento de expansão da revista. Em primeiro lugar, há a questão financeira. Não há, hoje, periódico que se sustente mesmo que no ambiente virtual sem a aplicação de algum montante de investimento. Os recursos para manter um site em funcionamento, por exemplo, não são irrisórios. Por sua vez, se quisermos garantir a qualidade dos artigos publicados na revista, devemos continuar a investir na revisão, na diagramação, e na divulgação. Tudo isso, obviamente, gera custos. Ao longo dos últimos anos, a SBHC conseguiu manter a sua saúde financeira, o que possibilitou que fossem feitos aportes à revista, em vista de sua expansão e modernização. No futuro, porém, nada é garantido. A inserção da RBHC em indexadores de relevância possibilitou que ela finalmente voltasse a concorrer a editais como o de CNPq, porém, a frequência com que estes são publicados, a vigência dos recursos – no último edital, de um ano – e a quantia disponível ainda são muito aquém do ideal. Precisamos de linhas de financiamento contínuas e duradouras, ainda mais se pretendemos mergulhar de vez nos pressupostos de uma ciência aberta, gratuita e ao alcance do público.

Em segundo lugar, a comunidade também precisa se empenhar em manter a revista viva e atuante. Isso se dá não apenas fazendo parte da SBHC, sua mantenedora, e cumprindo com as anuidades devidas. Mas também, e principalmente, pela colaboração com a revista. Nenhum editor ou editora é capaz de dominar todas as temáticas dos textos que chegam para avaliação, de modo que contamos com o apoio de um corpo crescente de pareceristas para auxiliar a tomar a melhor decisão editorial. Porém, o que vemos, muitas vezes, são pares que, por um lado, querem que seu texto seja rapidamente avaliado e publicado, mas nunca tem disponibilidade para emitir pareceres a textos de outros ou, o que talvez seja a pior das circunstâncias, aceitam a tarefa e simplesmente desaparecem depois, atrasando em meses um processo que deveria durar algumas semanas. Sabemos que o trabalho de um parecerista da RBHC – assim como de outros periódicos, com raríssimas exceções – é voluntário, mas também é voluntária a tarefa do editor. Trata-se de uma grande rede, em que um deve ajudar o outro. A comunidade também deve contribuir à RBHC enviando suas melhores produções, especialmente pesquisadores consolidados no campo. Além de aplaudir as recentes conquistas da revista, é preciso, fundamentalmente, participar delas. Dessa maneira, poderemos confiar que sua expansão está sendo feita não apenas em termos de números, mas também de qualidade e prestígio.

Em terceiro lugar, a RBHC tem o desafio de crescer e se constituir como um veículo importante para a história da ciência e da tecnologia não apenas no Brasil, mas também na América Latina. Segundo Haddad, a revista “já tem sido nos últimos anos uma opção ‘natural’ para colegas da Argentina posicionarem seus trabalhos, mas há comunidade vibrantes de HC no Chile, Peru, Colômbia e México – para ficar apenas nas maiores – que também precisam passar a ver a RBHC como uma de suas principais possibilidades de publicação”, destacando igualmente o

papel da SBHC nesse processo de internacionalização. Tanto ele quanto Videira reforçam que a RBHC pode ocupar o papel que a *Quipu* ocupou anos atrás como uma vitrine das pesquisas feitas em nosso continente. O último complementa: “A comunidade é frágil, ainda mais por continuar dependente de agendas e critérios de avaliação (i.e. de qualidade) elaborados, ou produzidos, algures, nomeadamente no hemisfério norte”. A publicação de artigos em inglês – traduções, portanto, dos textos originalmente escritos e também publicados em português na revista – é igualmente um caminho visto como eficiente para a internacionalização, embora ainda faltem evidências de que um texto escrito nesta língua garante automaticamente seu amplo alcance. Outra possibilidade para uma maior internacionalização da RBHC seria a organização de dossiês, ou convites para a escrita de artigos ou resenhas, entre pesquisadores brasileiros e latino-americanos de modo a fomentar uma diversidade demográfica, e como consequência, atrair novos leitores e autores para a nossa revista a nível internacional.

## Conclusão

É possível olhar com otimismo para o futuro da revista? Acreditamos que sim. Em especial devido à conjuntura política em que entramos na editoria: em meio ao início da última grande pandemia global e em anos que negacionismos científicos pautaram, pela primeira vez na história republicana brasileira, políticas públicas para ciência e tecnologia. Era paradoxal: a revista se estabilizava, com fluxo regular de artigos, recebendo a cada dia mais propostas de dossiês e colaborações internacionais. Junto a isto, o governo negacionista dedicava parte da já escassa verba governamental para Ciência e Tecnologia para ozonioterapia, ivermectina e hidroxicloroquina (o famigerado “Kit-COVID”), além da disseminação, junto às redes sociais, de mensagens contrárias ao uso de máscaras e teorias conspiratórias das mais variadas. O desmantelamento e aparelhamento ideológicos de instituições estatais, conjugados ao mais arcaico (neo)liberalismo resultaram em problemas severos, como o aumento vertiginoso dos índices de insegurança alimentar (as “filas dos ossos” foram manifestações disso), das queimadas (exemplo disso foi o episódio da demissão do então diretor do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais – INPE, Ricardo Galvão) e da morte dos ambientalistas Dom Philips e Bruno Pereira.<sup>13</sup> Em reportagem da revista *Nature* sobre o período entre 2018-2022, Meghie Rodrigues fez o seguinte balanço:

O governo também fez cortes substanciais na pesquisa científica. Em 2021, o orçamento total aprovado para ciência e tecnologia no Ministério da Ciência foi efetivamente o menor em pelo menos duas décadas, segundo números compilados pela Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). Em 2020 e 2021, o financiamento combinado de bolsas para CNPq e CAPES foi de cerca de 3,5 bilhões de reais (US\$ 680 milhões) por ano – os valores mais baixos desde 2009. As duas agências perderam 45% de seu orçamento para bolsas durante o governo Bolsonaro (2019–22), em comparação com 2015-18.<sup>14</sup>

13 Exemplos: <https://www.nature.com/articles/d41586-022-03038-3>  
<https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2021/07/25/fila-para-conseguir-doacao-de-ossos-e-flagrante-da-luta-de-familias-brasileiras-contra-a-fome.ghtml>  
<https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2023-06/assassinato-de-bruno-e-dom-completa-um-ano-veja-linha-do-tempo>, acesso em 26/09/2024.

14 Tradução nossa. Disponível em <https://www.nature.com/articles/d41586-022-03038-3>, acesso em 30/09/2024.

De certa forma, colaborar com a continuidade da revista foi o “gosto de sol” da “boca da noite”, conforme Milton Nascimento e Beto Guedes tergiversaram em “Nada Será Como Antes”. Por fim, cremos ser importante fazer um retrato do momento de escrita deste texto. Desde 2023, o Brasil tem um governo que voltou a colocar, ao menos no discurso (discussões orçamentárias à parte), a ciência, o combate à fome e a defesa do meio ambiente como uma pauta prioritária. Diante de um contexto um pouco mais favorável, é possível dividir com os leitores algumas angústias e apontamentos para o futuro da revista. Se existe alguma lição aprendida nos anos entre 2018 e 2022, é que, para além das ruas, as redes também são pontos de disputa, em que os periódicos, cientistas, estudantes e a comunidade acadêmica como um todo devem estar presentes em busca de justiça social. Ainda não sabemos qual é a melhor forma de atuação neste campo, mas vamos tentando juntos e juntas. Algumas perguntas são válidas antes de enveredarmos no imprevisível e perigoso mundo virtual dos algoritmos: é válido criar, e investir em um site em tempos onde a mediação do público com a internet é dada por redes sociais? Criar perfis em redes sociais mesmo que elas sejam propriedades de bilionários entediados e se tornem propagadoras de conspiracionismos da extrema direita global? A RBHC tem tentado se colocar nesses espaços que, como qualquer outro, demanda mão de obra especializada. E nesses mares remotos, vamos levando nossa nau, esperando que muitos outros queiram fazer parte dessa aventura.

Por fim, nos despedimos felizes da função de editores, orgulhosos e orgulhosa, por termos exercido o nosso ofício com estima, dedicação e profissionalismo regado a boas gargalhadas entre um número e outro.

Que possamos continuar dando à nossa RBHC a circulação e o lugar na história que lhe é merecida, e que você possa nos ajudar a continuar escrevendo novas histórias no século 21.

## Referências bibliográficas

- CARDOSO, W.; NOVAIS, F.; D'AMBROSIO, U. Para uma história das ciências no Brasil colonial. *Revista da Sociedade Brasileira de História da Ciência*, n. 1, p. 13-17, 1985.
- FONSECA, M.R.F.; ANDRADE, A.M. [Este exemplar marca o início de uma nova série...]. *Revista da Sociedade Brasileira de História da Ciência*, v. 1, n. 1, p. 1-2, 2003.
- FORATO, T.; GUERRA, A.; BRAGA, M. Historiadores das ciências e educadores: frutíferas parcerias para um ensino de ciências reflexivo e crítico. *Revista Brasileira de História da Ciência*, v. 7, n. 2, p. 137-141, 2014.
- GARCIA, E.M.; ABRANTES, P.C.C. [É com grande satisfação que retomamos...]. *Revista da Sociedade Brasileira de História da Ciência*, n. 5, p. 1, 1991.
- MARTINS, R.A. Introdução. A criação do Grupo de História e Teoria da Ciência (GHTC) na Universidade Estadual de Campinas. In: SILVA, C.C.; PRESTES, M.E.B., FORATO, T.C.M. (orgs). *Três Décadas de História da Ciência: Percursos e Diálogos Plurais*. São Paulo: LF Editorial, 2024.
- MARTINS, R.A.; FONSECA, M.R.F. Editorial. *Revista da Sociedade Brasileira de História da Ciência*, n. 19, p. 1, 1998.
- MATIAS, S. Editorial. *Revista da Sociedade Brasileira de História da Ciência*, n. 2, p. III, 1985.
- PATACA, E.M.; ALVIM, M.H. Apresentação: História das Ciências e Educação, a nova seção permanente da RBHC. *Revista Brasileira de História da Ciência*, v. 10, n. 2, p. 222, 2017.

QUEIROZ, G.P.; TEIXEIRA, S.K. As revoluções que não convencem: um desafio para o ensino de física. *Revista da Sociedade Brasileira de História da Ciência*, n. 8, p. 31-46, 1992.

RAMOS-LARA, M.P. Juan José Saldaña em la historia de la ciência y la tecnología en México. *Saberes, Revista de historia de las ciencias y las humanidades*, v. 7, n. 15, p. 59-70, 2024.

REIS, J. Apresentação. *Revista da Sociedade Brasileira de História da Ciência*, n. 1, p. 3, 1985.

SALDAÑA, J.J. En la búsqueda de un futuro para el futuro. Conferência inaugural. *Revista da Sociedade Brasileira de História da Ciência*, n. 3, p. 3-8, 1989.

SILVA, M.R.B. História e historiografia das ciências latino-americanas: Quipu (1984-2000). *Revista Brasileira de História da Ciência*, v. 7, n. 1, p. 47-57, 2014.

VIDEIRA, A.A.P.; GESTEIRA, H. Editorial. *Revista Brasileira de História da Ciência*, v. 1, n. 1, p. 4-5, 2008.

Recebido em 03/10/24

Aceito em 16/12/24